



EXPRESSO/ACTUAL – 6 de Novembro de 2004

### **KISS ME**

de António da Cunha Telles

História de uma jovem mulher (Laura), na provinciana Tavira dos anos 50, que aprende a feminilidade afixada de Marilyn Monroe e a transpõe para si própria, **Kiss Me** é um daqueles filmes que tem uma óbvia boa ideia. Mas, ao não se questionar profundamente sobre ela, acaba por não a transformar num bom filme. Na verdade, o óbvio nem sempre é dramaturgicamente operativo. Cunha Telles apegou-se à fidelidade à sua premissa de um modo acrítico e fez com que o filme lhe escorregasse pelos dedos. Tentou – e conseguiu – que a personagem se mimetizasse tão fielmente ao modelo (nos gestos, no guarda-roupa, todo decalcado de vestes que vimos Marilyn usar em filmes) que esqueceu que, para ser verdade, a sua Laura só poderia ser uma aproximação, um bocadinho ridícula, um bocadinho patética, onde o fascínio carnal se misturasse com uma certa cegueira que haveria de ser comovente na sua pequenez. **Kiss Me** não percebe isso. Pega em Marisa Cruz (surpreendentemente versátil, será que temos actriz?) e faz com ela um símbolo sexual a sério, uma 'vamp' que só o sagaz Nicolau Breyner contraponta (ele sim, um 'verdadeiro' alfaiate de província nos anos 50), porque todos os restantes actores estão mal na pele sem esqueleto onde os querem meter, seja Rui Unas enquanto professor perseguido pela PIDE, seja Manuel Wiborg, excessivamente cosmopolita, seja a estreante Susana Mendes, improvável como militante antifascista clandestina. A tudo acresce que **Kiss Me** não tem desfecho, não tem devir – ideias de argumentista sem vera gente dentro nunca conduzem as ficções a porto seguro.

**J.L.R.**

